

Rubem Braga

M. 93
CM 5.12.51
DN 7.10.64
Arquivo do Povo - 10.7.83
RN 253

**A
UM JOVEM AUTOR
QUE MANDOU SEU
LIVRO E PEDE
MINHA OPINIÃO**

NÃO, meu caro, ainda não li seu livro. Podia dizer que já tinha lido e achado interessante e depois lhe falaria dêle com mais vagar. "Interessante" é um bom adjetivo, que a gente sempre pode aplicar a um livro que não se leu ou a um quadro que não se viu — ou a um livro ou quadro que, já lido ou visto, não nos despertou interêsse nenhum ou apenas nos deixou sem vontade de dizer qualquer coisa. É um adjetivo prudente, vago e subjetivo, que tem a virtude de não dizer nada; virtude, meu velho, que não é pequena, em tempos como êstes, em que se dizem tantas tolices e barbaridades sôbre livros e principalmente sôbre quadros.

Mas acredite que seu livro está em muito boa companhia, ficando entre as obras que ainda não li; tem a seu lado, por exemplo, 95 por cento da obra de Goethe e, praticamente, 100 por cento da de Homero; que mais quer você? Pretendo ler todos, você, Goethe, Homero, inclusive o bom Homero Homem. Mas o diabo é que não paro muito em casa a não ser para escrever e dormir. E tenho uma estante amontoada e confusa, onde a obra "Armas e Municões de Caça" é vizinha de uma "Introduction a la Poésie Ibero-Americane" e da peça "Venus Observed".

Minha jovem secretária é sutil, levemente surrealista para arrumar os livros, e controla a minha leitura a um ponto inconcebível; muitas vêzes começo a ler um livro e quando o procuro no dia seguinte vejo que êle foi engolfado no caos da estante. Em seu lugar ela deixa sôbre a mesa algum outro, que certamente considera mais útil para ilustrar meu espírito. Sábado comecei a reler "Sagarana": domingo passei para a "História da Capitania de S. Vicente" e hoje notei que posso escolher entre duas obras: o "Manual do Chofer" e "Gaspard de La Nuit", que ela me selecionou,

deixando o primeiro junto à rêde e o segundo sôbre a mesa. Minha ignorância fica dia a dia mais eclética e variada; os jovens autores que ainda me visitam, depois de muito fuçar a estante, encontram suas brochuras cuidadosamente fechadas, virgens — o que para mim é um vexame.

Meus próprios livros, eu os encontro às vêzes com ardentes dedicatórias a amigos, feitas quatorze meses atrás; ainda não descobri o critério que ela adota para enviar ou não. Às vêzes reajo, mergulho na estante, cato pacientemente um livro que desejo ler, levo-o para o quarto, escondo-o debaixo do colchão, como se fôsse uma obra imoral ou proibida; mas a secretária se entende às mil maravilhas com a arrumadeira, e já descobriu todos os esconderijos, inclusive o armarinho do banheiro.

Não há o que fazer. Submeto-me a seu gôsto, que é extravagante; ainda não descobri por que motivo me serviu durante uma quinzena, em dias alternados, um "Manual de La História Argentina" que fiquei exausto de ler, nem por que sabota sistematicamente D. H. Lawrence e Clarice Lispector. Na última viagem que fiz, ela conseguiu colocar na minha bagagem, não sei com que estranha intenção, um livrinho de capa branca. À noite, em um horrendo quarto de hotel do interior, peguei-o resignadamente para ler: era o "Guia das Livrarias Brasileiras", editado há muitos anos atrás pelo Instituto do Livro, com enderêço de tôdas as livrarias e outras informações, tais como número de livros, média diária de freqüentes e número de empregados. Muito útil.

Esperemos. Talvez um dia seu livro venha à tona; estou certo de que é muito interessante. Mas é impossível saber, a respeito, a opinião de minha secretária. Adeus, vou mergulhar no "Gaspard de La Nuit".